

RIO DOS ANOS 20 VISTO POR RIBEIRO COUTO

Vasco MARIZ¹

No início do século XXI, Ribeiro Couto é recordado sobretudo pela sua poesia penumbriada, mas a sua importante contribuição à nossa literatura como prosador parece bastante esquecida, injustamente. O mais curioso é que o Couto foi eleito para a Academia Brasileira de Letras em 1934, com apenas 36 anos de idade – o mais jovem acadêmico da época – não tanto pela sua poesia, mas pelos seus contos e pelo romance “Cabloca”. Por isso justifica-se o aparecimento de uma antologia de contos de Ribeiro Couto com o título “Maricota, Baianinha e outras mulheres”, pela editora Topbooks, com apoio da ABL, e na qual reuni 22 contos. Nesta antologia encontraremos um penetrante e saboroso retrato do Rio de Janeiro dos anos 20, o Rio da mocidade do autor.

Muito se especulou sobre as influências que orientaram o então jovem escritor no terreno do conto. Josué Montello aproximou-o a Tchekov e a Katherine Mansfield. Já Brito Broca vinculou-o diretamente a João do Rio, enquanto Gilberto Amado julgava que “Couto aprendeu a escrever contos lendo Machado de Assis”. Ao chegar ao Rio de Janeiro proveniente de São Paulo, em 1918, Couto atuou intensamente na imprensa local e nessa época a vida de jornal significava vida noturna até altas horas da madrugada. Os jornalistas saíam tarde da redação, iam para os bares e cafés, e lá ficavam em palestras por vezes até o nascer do sol. Em São Paulo as noites são frias e garoentas, nada tinham de convidativas e, ao que parece, Couto deixou-se levar pela sedução das noites cariocas, tão

1. Vasco Mariz é diplomata aposentado, historiador e musicólogo. Foi secretário de Ribeiro Couto em Belgrado (1949-1951).

cheias de atrativos para os rapazes pobres. Pelo preço de um simples cafezinho compravam o direito de passar horas e horas a fio em ambiente distraído. É possível que a fraqueza pulmonar do escritor tenha sido, em parte, conseqüência dessas longas noites pitorescas.

Alguns de seus contos refletem a vida de pobreza, embora cheia de esperanças, de sua primeira fase no Rio de Janeiro. Seu apresentador na Academia, em 1934, lembrou “o suave perfume de autobiografia que podes, com discreto pudor, em todas as vossas páginas”. Josué Montello, em artigo no JB, de 1/12/1987, recordou: “Certa inclinação boêmia levou-o a compreender a poesia das noites cariocas, predispunha-o para longas conversas à mesa do café, nas sombras e luzes da Lapa, a Lapa que ele celebrou em mais de uma página realmente antológica”.

Por isso mesmo é que me parece provável alguma influência de João do Rio, inventor do processo da crônica dialogada. Afrânio Coutinho, no “Diário de Notícias”, de 23/10/1960, escreveu: “nos contos de Ribeiro Couto encontram-se as mesmas características, misto de intimismo, melancolia, cotidianidade e penumbra, da sua poesia. O Rio dos anos 20 aparece com a mesma atmosfera, de surdina e meio tom, da poesia penumbrista dos poemas do ‘Jardim das Confidências’”. Na verdade, Couto tentou com sucesso a transfiguração do cotidiano, sem o deformar ou engrandecer, em visão bem realista e até mesmo caricatural. Nem parecem contos escritos por um autor, antes parecem recortados de uma experiência normal, equilibrada e serena, sempre filtrada por uma aguda intuição e delicada sutileza. O escritor português João Ameal o considerava “um dos contistas mais interessantes e dos mais originais que têm escrito em nossa língua” (“A Manhã”, de 10/5/1945).

Tristão de Ataíde, talvez nosso melhor crítico literário, julgava que o Couto foi “um criador de ambientes, que descrevia com tal naturalidade, com tanta emoção pulverizante, que lemos os seus contos como que vivendo-os. Nada é vincado com excessiva força, tudo sugerido de leve”. Já seu apresentador na Academia, Laudelino Freire, disse: “Quando qualquer dos seus entrecos se encaminha para situações que, na urdidura natural, induzem o leitor a esperar um desenlace, o que surge em lugar do que se aguarda é uma recriminação, uma sutileza, uma sátira ... e o leitor que tire a conclusão.”

Seu primeiro livro de poemas, “Jardim das Confidências”, saíu em 1921. Tinha menos de 23 anos. No ano seguinte apareceram dois livros de contos: “A casa do gato cinzento” e “O crime do estudante

Batista”, ambos publicados em São Paulo por Monteiro Lobato. Nesse mesmo ano de 1922 o autor enfermou-se seriamente e foi curar-se nas serras de São Paulo e Minas Gerais. Depois do “intermezzo” serrano, em 1928, apareceu “Baianinha e outras mulheres”, onde contos escritos em Pouso Alto, MG, que lhe valeram a eleição para a Academia Brasileira, em 1934. Couto curou sua tuberculose, casou-se, foi nomeado para a carreira diplomática, virou acadêmico. Muito depois, em 1940, surgiu “Largo da Matriz e outras histórias”. Estava Ribeiro Couto com 42 anos e vivia nesta cidade, após uma estada de cinco anos na Holanda, como secretário de nossa embaixada. Estes foram os últimos contos publicados por ele, todos inéditos. Em 1960, no âmbito dos festejos dos seus 60 anos, a editora Cultrix, de São Paulo, imprimiu uma seleção de contos feita pelo próprio autor e intitulada “História de cidade grande”.

Esse livro traz expressivo prefácio que ajuda a melhor entender a obra do escritor santista, doublé de diplomata. Pretendia ele publicar outras seleções de contos, que chamaria “Histórias de cidade pequena” e “Histórias de meninos”. Não chegou a fazê-lo, pois faleceu em Paris em 1963, já aposentado como embaixador do Brasil na Iugoslávia e a caminho do Brasil. Na presente antologia reuni os melhores contos de sua própria seleção de 1960 e mais alguns que ele provavelmente teria incluído naqueles livros planejados.

Ao longo dos últimos anos, vários admiradores têm feito um esforço para divulgar as obras do grande escritor e poeta que foi Ribeiro Couto. Em 1998, a Academia Brasileira de Letras, durante a presidência de Arnaldo Niskier, me encomendou e publicou na “Coleção Afrânio Peixoto”, uma antologia de poemas, contos e crônicas, intitulada “Ribeiro Couto no seu centenário”. Agora aparece outra antologia de contos, também com o apoio da ABL, que batizei de “Maricota, Baianinha e outras mulheres”. Afonso Arinos Filho editou ainda pela ABL, naquela mesma Coleção Afrânio Peixoto – “Os Adeuses – que contém a correspondência de seu ilustre pai com Ribeiro Couto, à qual adicionou seus últimos poemas, que estavam em poder de Afonso Arinos. A Academia prestigia assim um de seus mais brilhantes acadêmicos do passado, cuja obra anda um pouco esquecida.

(Transcrito do “Jornal de Letras”, Rio de Janeiro)